



EMOÇÕES E EDUCAÇÃO FINANCEIRA: TRABALHANDO CONSUMISMO EM UMA TURMA DA EPJAI

Viviane Chagas Santos

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
vivianechagassantos7@uesb.edu.br

Jonson Ney Dias da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
jonson.dias@uesb.edu.br

A presente narrativa pedagógica objetiva relatar o desenvolvimento e os resultados da oficina intitulada “Você tem medo de ficar pobre?”, que foi aplicada em uma turma da EPJAI de uma escola estadual da cidade de Vitória da Conquista - BA. Na qual buscou-se discutir com os discentes as relações entre emoção e dinheiro, além do desenvolvimento da inteligência emocional no âmbito financeiro.

Muito se tem falado sobre o aumento de preços dos combustíveis, carnes, itens da cesta básica, medicamentos, entre outros produtos. O brasileiro está assustado com a inflação e o medo de lidar com o próprio dinheiro (ou com a falta dele) é bem mais comum do que se imagina. Uma vez inseridos no sistema capitalista, torna-se imprescindível ao ser humano uma conscientização para conseguir administrar e controlar os seus gastos, minimizando as chances de passar por dificuldades monetárias em algum momento da vida.

A Educação Financeira tem apresentado uma grande importância para a sociedade, visto que auxilia os indivíduos a fazerem planejamentos financeiros e uma melhor distribuição da sua renda. Ainda hoje, vê-se muitas pessoas instruídas academicamente, com currículos apreciáveis se endividarem, pouco estabilizadas e sem independência financeira. Isso se deve ao fato de não serem cidadãos educados economicamente. Neste aspecto Oliveira et. al (2014, p. 13) ressalta que,

O benefício gerado pela educação financeira ao país atinge toda a sociedade, desde que seja contínua e melhorada. Por isso a importância de ser praticada pelos jovens com incentivo da escola e da família, pois se esta educação for permanente em sua vida irá causar consequências boas não só para o próprio futuro, mas também para o futuro de toda nação.



Muitas vezes, a educação financeira ainda é tratada como um tabu no Brasil. Geralmente, questões financeiras só são abordadas quando o contexto é de dificuldade, criando assim, uma ideia equivocada sobre a temática. Na prática, esse tema precisa ser trabalhado desde a infância, uma vez que, o tratamento do dinheiro não envolve apenas lucros e ambição, mas também segurança e proteção. É preciso formar cidadãos adultos mais conscientes sobre suas finanças e como é possível utilizá-las de maneira eficiente.

Um dos pilares fundamentais para o cuidado do dinheiro, envolve organizar as finanças pessoais, para isso, é essencial fazer um planejamento, que exige observação, autoconhecimento, objetivos e disciplina. Para tanto, este deve ser trabalhado principalmente no ambiente escolar, tendo em vista que “os alunos também precisam estar inseridos no contexto das finanças, sendo motivados a compreender o tema, tornando-se competentes para tomar decisões adequadas em relação aos assuntos financeiros, seja na sua vida particular, familiar ou comunitária” (SILVA; POWELL, 2013, apud HURTADO, 2020, p. 58).

Haja vista que a educação financeira tem como objetivo contribuir com o planejamento e administração das finanças dos indivíduos, torna-se imprescindível que esta temática esteja presente, em específico, nas turmas de Educação com Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EPJAI). Os estudantes desta modalidade são na maioria das vezes adultos, que vivenciam em seu dia a dia situações que envolvem gastos de natureza familiar,¹ que buscam seu sustento de diferentes maneiras (trabalho com carteira assinada ou autônoma) e, ainda, pessoas de baixa renda que estão propícias a se endividarem com mais facilidade se não tiverem uma inteligência financeira desenvolvida.

A EPJAI possui como objetivo propiciar o acesso à educação básica aos jovens e adultos que não tiveram oportunidade de ingressar ao ensino regular na idade correta, visando ainda uma inserção destes indivíduos na sociedade e no mundo do trabalho. Miranda (2018, p. 2) ressalta que o indivíduo da EPJAI “busca não só retomar a sua escolaridade,

¹ Gastos de natureza familiar são aquelas despesas fixas de uma casa compostas por valores que você já espera ter que gastar todos os meses.



mas também iniciar ou organizar a sua vida profissional e para isso, ele acredita que a escola irá lhe proporcionar recursos para essas construções”.

À vista disso, sabe-se ainda que a maioria dos estudantes da EPJAI vem de um longo e cansativo período de trabalho, alguns de anos sem frequentar a escola, com isso, é preciso que o educador tenha muita responsabilidade, dedicação e criatividade para que esses discentes sejam incentivados a permanecer estudando. Para que dessa forma, os estudantes dessa modalidade não encontrem um ambiente educacional distante da realidade que estes almejam.

Para que eles se sintam confortáveis a participarem das aulas, o docente deve conhecer os saberes e habilidades que este público desenvolve em suas profissões e no cotidiano, possibilitando assim, uma contextualização de ensinamentos que perpassam por situações da vida, como a educação financeira. Damasceno (2018, p. 117) ressalta que “a aprendizagem contextualizada faz com que o aluno passe a ser ativo no processo de ensino e aprendizagem, visto que levará em consideração os conhecimentos e informações que ele já possui.”

Além disso, na EPJAI se preza pela contextualização dos temas matemáticos para estimulação dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem, assim, estes conteúdos devem ser apresentados “em uma ou mais situações em que façam sentido para os alunos, por meio de conexões com questões do cotidiano dos alunos, com problemas ligados a outras áreas do conhecimento” (BRASIL, 2002, p. 16)

Pensando nisso, o Programa de Educação Matemática de Jovens e Adultos (PEMJA), propõe aos licenciandos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista - BA, viver uma experiência do ser educador nas salas de aula da EPJAI, possibilitando assim uma reflexão da prática docente. Para isso, este desenvolve ações em escolas públicas das cidades de Vitória da Conquista, Poções e Planalto, ambas situadas no sudoeste baiano. Dentre as ações, pode-se destacar os “Diálogos Matemáticos” que consistem em produções e aplicações de oficinas temáticas que estejam contextualizadas com o cotidiano dos educandos.



À vista disso, em parceria com o PEMJA, foi estruturada e ministrada por três acadêmicas do curso de Licenciatura em Matemática da UESB, sendo uma a primeira autora deste trabalho, a oficina “Você tem medo de ficar pobre?”, que apresenta uma discussão a respeito da Educação Financeira. Essa temática foi escolhida para ser desenvolvida, visto que é pouco abordada nas salas de aula, mas é um tema presente cotidianamente na vida das pessoas. Diariamente decisões financeiras são tomadas e é necessário saber quais são as melhores escolhas, para isso, é importante que se tenha uma Educação Financeira bem estruturada, já que a mesma permite aprender a lidar melhor com o dinheiro.

Com isso, as ministrantes propuseram a oficina por acreditar que a Educação Financeira não é apenas sobre números e sim sobre escolhas e comportamentos que transformam a vida das pessoas. À vista disso, buscou-se analisar como as emoções influenciam na vida financeira dos estudantes da EPJAI, visto que, muitas vezes, os gastos variáveis, as compras por impulso e as dívidas são gerados a partir de acontecimentos cotidianos que envolvem sentimentos de felicidade, medo, raiva, ansiedade, entre outros.

A mesma foi intitulada como “Você tem medo de ficar pobre?” como meio de chamar a atenção dos estudantes, visto que relacionava o dinheiro com as emoções, enfatizando o medo e a pobreza como fator determinante. Além disso, apresentava uma reflexão sobre como as decisões influenciam a vida das pessoas.

Esta foi aplicada em uma turma de Matemática, do Ensino Médio da EPJAI, no período noturno, na Escola Estadual - Instituto de Educação Euclides Dantas (IEED). A mesma era composta por 20 estudantes, que continham uma faixa etária de 18 a 25 anos, a mesma teve duração de 3 horas/aula. A maioria dos participantes relataram que trabalhavam no período matutino e vespertino, alguns deles já tinham filhos, outros ainda moravam com seus pais, no entanto, ambos possuíam gastos de natureza familiar.

No momento inicial da oficina, as ministrantes direcionaram questionamentos aos educandos como: “O que é emoção para vocês? O que os deixa felizes ou tristes?”, no intuito de convidá-los para o desenvolvimento da atividade. Uma das estudantes respondeu que felicidade para ela era estar com seu filho, outros disseram que estar com os amigos era sinônimo de alegria, encontrar com os colegas em sala de aula, comprar roupas, sapatos,



lanches, entre outras respostas. Um dos educandos ressaltou que a desigualdade o deixava triste.

Em seguida foi feita uma breve contextualização sobre a significação das emoções, criando um ambiente, no qual os estudantes fossem estimulados a participar ativamente da discussão. Ocorreu neste momento um diálogo a respeito das emoções que os estudantes sentiam com mais frequência, dentre elas, a tristeza e a raiva foram as mais citadas. Após isto, foi questionado sobre o porquê de serem essas emoções. A turma não quis falar muito, mas alguns discentes acreditavam ser pelo cansaço e estresse do dia a dia.

As ministrantes continuaram indagando os discentes sobre como os sentimentos influenciam no momento em que estes iam fazer compras, se agiam por impulso, se compravam por necessidade, entre outras perguntas. A maioria dos participantes enfatizaram que gastavam mais por precisão, já que possuíam despesas cotidianas a serem pagas, pontuando que sentiam-se tristes por muitas vezes não restar dinheiro para gastarem como quisessem.

A partir das respostas obtidas, as licenciandas os levaram a identificarem por quais razões não conseguem economizar. Foi apresentado então os gatilhos financeiros, que são impulsionados pelas emoções que leva a tomar decisões precipitadas sobre as finanças e, posteriormente, dicas de como se proteger dos gatilhos, como por exemplo, do medo, da euforia, da escassez e outros, instigando-os a desenvolverem a inteligência emocional.

Buscando uma maior interação, as licenciandas pontuaram situações que os gatilhos as influenciavam a realizar gastos por impulso, “fui bem em uma prova, vou comemorar, eu mereço”, “fui mal em uma prova, vou sair pra esquecer”, sendo eles o da alegria e o da tristeza, respectivamente. Foi questionado ainda se os educandos se sentiam pressionados quando viam em alguma loja “Só hoje, promoção imperdível!”, gatilho da escassez, muitos responderam que sim e, que na maioria das vezes, quando voltavam uma semana depois a loja, a promoção ainda permanecia válida.

Durante as discussões, uma estudante relatou que juntou dinheiro para comprar um determinado tênis e quando possuía o montante, o produto não estava mais disponível na loja, o que causou nela uma grande frustração. Diante dessa conversa, surgiu a problemática

I SIMPÓSIO BRASILEIRO
DE
EDUCAÇÃO MATEMÁTICA
COM
PESSOAS JOVENS,
ADULTAS E IDOSAS

18 E 19 DE NOVEMBRO
- SÃO PAULO -



de se juntar dinheiro para a compra de um bem maior, um carro, uma moto ou até mesmo uma casa e sempre que estava com o montante em mãos ocorria um imprevisto familiar, sendo necessário a reorganização das metas estabelecidas prorrogando o prazo destas conquistas.

Por fim, realizou-se uma dinâmica organizando os gastos semanais de uma das licenciandas, separando-os como gastos fixos e variáveis. Objetivando ainda uma maior interação entre os educandos da EPJAI com a oficina ministrada, solicitou-se uma análise dos gastos semanais em uma ficha financeira, Figura 1. Esta os ajudaria a entender como está empregando seu salário e quais “cortes” podem ser realizados para as próximas semanas no orçamento.

Figura 1: Ficha Financeira

PARA ONDE MEU DINHEIRO ESTÁ INDO?

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO

TOTAL GASTO NA SEMANA:

Fonte: Autoras (2022)

Os educandos, ao receberem a ficha semanal, anotaram manualmente os gastos fixos e alguns que não foram planejados, mas que tiveram no decorrer dos últimos dias. A maioria da turma destacou gastos familiares, já que estes compartilham despesas com outras pessoas com quem moram. Ao final, eles fizeram a soma do total de consumos, visualizando quais seriam as formas de melhoria no orçamento, como também, a possibilidade de retirada de gastos desnecessários e outros que poderiam ser otimizados.

Ao final da oficina, foi notório que os educandos não viam com frequência a temática de Educação Financeira no contexto escolar, visto que ficaram surpresos com a realização da atividade proposta. No entanto, ao finalizarem a mesma, puderam compreender a



importância na vida cotidiana. Ainda, os estudantes foram questionados com a pergunta norteadora “Você tem medo de ficar pobre?”, ao qual relataram que já eram pobres e que tinham medo de se tornarem mais ainda. Mas as discussões contribuíram para que eles pudessem repensar seus ganhos e gastos, e como poderiam melhorar no orçamento, tendo desse modo uma reflexão crítica a respeito do que era ou não necessário.

Ressalta-se que a experiência que as ministrantes tiveram com a aplicação da oficina foi relevante para a formação inicial e continuada enquanto futuras educadoras, visto que contribuiu com a construção e aprimoramento dos saberes docentes, destacando como exemplo, o saber da experiência. Ainda, a vivência com os 20 educandos em 3 horas/aula possibilitou uma reflexão sobre a prática, visto que o ser professor vai além da transmissão de conhecimentos, mas sim enxergar e compreender as necessidades e dificuldades do próximo, buscando inseri-lo no processo de ensino e aprendizagem.

Durante a oficina, pode-se perceber por meio das discussões com os educandos que estes tinham uma rotina diária de trabalho para suprir as suas necessidades com os gastos recorrentes e fixos de natureza familiar, não restando ao final do mês dinheiro para um momento de lazer. Assim, as licenciandas sentiram com os relatos a importância de uma Educação Financeira na vida das pessoas para se ter um bom manuseio com os ganhos e gastos. Sendo importante que essa temática não seja restringida em apenas um dia, mas que esteja presente com frequência no ambiente escolar, ou seja, pode ser proposto que os educadores trabalhem em conjunto de maneira interdisciplinar, de tal modo que seja uma abordagem contínua do planejamento anual de cada disciplina.

No decorrer da aplicação da oficina, houve sentimento de dever cumprido, percebendo que por meio da contextualização de temas que se fazem presentes no cotidiano dos educandos, estes sentem-se entusiasmados em participar de forma ativa das discussões.

A oficina “Você tem medo de ficar pobre?” tinha como objetivo proporcionar aos discentes da EPJAI uma análise crítica dos consumos semanais e/ou mensais, conscientizando-os por meio de uma educação financeira. Tendo em vista que, os gastos variáveis partem em sua maioria de situações que envolvem as emoções como motivadores.



Diante do exposto, o presente trabalho visa relatar as experiências vivenciadas por três acadêmicas do curso de Licenciatura em Matemática, sendo uma a primeira autora desta narrativa, durante a aplicação de uma oficina sobre Educação Financeira em uma turma da EPJAI da IEED.

A oficina “Você tem medo de ficar pobre?” contribuiu de forma significativa para as ministrantes e para os discentes da EPJAI da turma, visto que gerou discussões importantes sobre o consumismo exacerbado influenciado pela mídia e pelos comerciantes. Percebeu-se durante o desenvolvimento da mesma que, na maioria das vezes, não há uma reflexão crítica do cidadão sobre o que e como ele está consumindo.

Vale ressaltar que a Educação Financeira é um tema muito relevante para ser trabalhado nas salas de aulas tanto do ensino regular como da EPJAI. Esta propicia aos indivíduos um olhar mais crítico sobre os gastos realizados pelo imediatismo, sem muito planejamento e análise. A partir do momento que os sujeitos passam a ter um pouco mais de conhecimento financeiro, conseqüentemente eles começam a ter mais controle sobre o dinheiro, pensam sobre o consumo conscientemente, reconhecem os gatilhos que os influenciam no momento das compras, evitando assim, o endividamento.

Ficou evidente durante a realização da oficina que uma parte dos estudantes da EPJAI desconheciam sobre a importância da prática da reflexão em relação às finanças e como elas estão diretamente atreladas às emoções. Neste sentido, esse trabalho contribui de forma positiva para os educadores e educandos, visto que a discussão apresentada na oficina é bastante pertinente para a sociedade atual.

REFERÊNCIAS

ALVES, Gilvan Pires. **A educação financeira no contexto dos anos iniciais do ensino fundamental**. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/17683>. Acesso em: 11 maio 2022.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. In: Brasil. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.



_____. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: segundo segmento do ensino fundamental – 5ª a 8ª série.** Brasília: Ministério da Educação e Cultura (MEC) /Secretaria de Educação Fundamental (SEF), v. 3, 2002.

DAMASCENO, Adriana Assis; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves. O ensino de matemática na educação de jovens e adultos: a importância da contextualização. **Cadernos da FUCAMP**, v. 17, n. 29, 2018.

HURTADO, Antonio Paulo Guillen; FREITAS, Carlos Cesar Garcia. A importância da educação financeira na educação de jovens e adultos. **Revista de Educação Popular**, v. 19, n. 3, p. 56-76.

MIRANDA, I. C. O. A Construção do Currículo da Educação de Jovens e Adultos. **Revista Científica Semana Acadêmica**, v. 01, p. 01-14, 2018.

OLIVEIRA, A. E. et al. A importância da educação financeira no contexto escolar e familiar: Uma amostra do projeto implantado na UNESPAR. **ECOPAR XI**, p. 1-1, 2014.